



Magno Gomes de Souza, 25 anos, foi jogado ao chão e ameaçado com um revólver na testa pelo policial militar, além de ter levado pontapés e cassetadas

Protesto no Riacho Fundo II vira confusão com a polícia

Interdição de estrada acaba à noite, com liberação de morador que foi agredido e preso. Famílias ameaçam voltar para a Estrutural

A manifestação de 200 pessoas, que era para ser pacífica, acabou em confusão, ontem, com agressões e o fechamento da DF-001, das 17h às 19h45, no protesto das 528 famílias removidas da invasão da Estrutural para o Riacho Fundo II. Elas querem que a Companhia Energética de Brasília (CEB) ligue energia para os barracos.

"Na segunda-feira nós vamos dar um prazo de 15 dias para que eles botem luz aqui. Se não ligarem, nós vamos voltar todos lá para a Estrutural", disseram os líderes do movimento ao major Wolney Rodrigues, da Companhia de Vigilância do Solo (CiaViso).

Os moradores pedem que a CEB improvise um relógio e cobre a energia. "Eu estou com a minha geladeira estragando, desligada", disse um morador. Um policial pedia que libe-

rassem a pista, pois estava anoitecendo e ouviu como resposta: "O perigo é incendiar o meu barraco com as velas. E eu tenho cinco filhos, que podem morrer num incêndio".

Wolney prometeu aos manifestantes marcar para segunda-feira uma reunião com representantes do gabinete do governador, do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) e da CEB para discutir o problema.

"A gente veio para cá na maior boa vontade, com a promessa de que teríamos energia em 90 dias. Já se passaram cinco meses e nada. Nós nem íamos fechar a estrada. Pedimos uma reunião e estávamos aguardando", disse José Ferreira Filho, 28 anos.

Wolney só contornou a situação depois de liberar um morador que disse que foi espancado. Ele foi pre-

so e levado para a 11ª Delegacia de Polícia (Núcleo Bandeirante). Uma mulher, grávida de quatro meses, falou que foi agredida.

O major prometeu investigar as acusações e pediu aos moradores que elejam um representante. O vendedor Ernani Amancio Leite, 42 anos, aproveitou e já se apresentou como "novo prefeito", mesmo sem ter sido escolhido.

VIOLENCIA

A manifestação começou cedo. Foi engrossando e às 15h já reunia bastante gente. Mas a confusão ocorreu a partir das 17h, quando os cabos Figueiredo e Pereira se desentenderam com Magno Gomes de Souza, 25 anos.

"Eles me atiraram no chão, me chutaram e me bateram de cassetete. Um dos policiais me botou a arma na testa e falou que ia me matar", disse Magno. A manifestação acabou quando ele retornou da delegacia, mostrando os vergões da violência pelo corpo.

"Não é cuspiendo na polícia que eles vão conseguir luz. Não sou con-

tra, mas acho que eles têm que se organizar melhor e entender que nós também temos nossa função para cumprir", disse Pereira.

Entre os policiais, a versão era de que Magno foi quem agrediu. Roseli Megasso da Paz, 21 anos, grávida de quatro meses, desmente. "Me agarraram e me apertaram por trás. Até passei mal", disse. Mostrando vergões na barriga, ela reproduzia o que ouvira de um soldado: "Sai da minha reta, mulher, senão te desço mais o pau".

Os moradores fecharam as duas vias da DF-001 e também os desvios laterais. Colocaram paus e até uma carroça na estrada.

"Eu acho uma ignorância eles trazerem crianças até de colo para uma manifestação dessas", disse o cabo Dourado. "É meia dúzia de gente que não tem o que fazer impedindo trabalhadores de voltar para casa", completou o militar.

Ao contrário de Dourado, o soldado Gomes conversava com os manifestantes e brincava com as crianças. Elas aproveitavam a interdição para deitar e rolar no asfalto que é sempre proibido.